

FESTIVALS AND PILGRIMAGES – PLACES OF FAITH THE SENSE OF FOLLOWING AND PARTICIPATING IN THE SACRED

What is the essence of religion? What does it mean to be “religious”? Much has been written and debated about these questions. The place, the manifestation, the sacred identified at a certain moment and time, and the ritual and participation in that sacred event – everything suggests a definition which is incapable of reflecting the entirety of its meaning.

Since time immemorial, all religions have featured pilgrimage, the search for sacred places and the consolidation of pathways in tradition, gestures and imagination. Many of the places most strongly associated with memory and religious symbolism have a journey at the moment of their genesis. In almost all religions, the calendar is marked by the rhythm of visits to various holy sites.

In Christian traditions, records of pilgrimages to the Holy Land date from the second century onwards. Believers sought to visit places where the life and martyrdom of Jesus and his most direct disciples had taken place. Whether it is a journey to the origins in Jerusalem and other places that figured in the life of Christ, to the headquarters of the Church in Rome, or to local and regional sites, Christianity is a religion of journeys and pathways.

Nascent Christianity also experienced a sense of pilgrimage from early on, perhaps inherited from that not too distant past. In the fourth century, Egeria wrote a description of her journey to the Holy Land between 381 and 384 (the most commonly accepted dates), which led to her being considered the first Hispanic writer in Latin. She journeyed through the south of Gaul and the north of Italy before crossing the Adriatic Sea by boat. She arrived in Constantinople in 381 and from there left for Jerusalem, visiting Jericho, Nazareth and Capernaum. She left Jerusalem for Egypt in 382, visiting Alexandria, Thebes, the Red Sea and Sinai. She then visited Antioch, Edessa, Mesopotamia, the Euphrates River and Syria, from where she returned via Constantinople. There is no record of the date, place and circumstances of her death.

The Islamic presence in the Iberian Peninsula and the practice of facing, praying and moving towards the east would consolidate this fundamental idea that is still present in our language today in the verb “to orient”, which means, in its strict sense, to position a map in accordance with the cardinal points, but which also means to discover a path or to organise, a meaning which has its root in “turning east”, the exact opposite sense to how the geography of the peninsula was conceived as being situated in the West, or in the Algarve to invoke its Arabic root.

With thousands of years of tradition, the list of places of pilgrimage and cyclical festivities in Portugal is long and inexhaustible. Christianity, as can be seen in a tone of harsh criticism by St. Martin of Braga, Martinho de Dume, in his *De Correctione Rusticorum* (“On the correction of rural people”, 6th century), adopted a large part of pre-existing polytheistic cults, both those that had long been practiced in significant places since the Bronze Age, and those festivities in honour of rivers, springs and forests.

This heritage has given Portugal a unique colour and a wealth of traditions that runs through the country from north to south, from the interior to the coast, with a number of shades ranging between the pagan past and a Christianisation that was almost always superficial in its minor adjustments of outward appearance and nomenclature.

In any event, the Christian presence was made up of solemn moments with a highly official tone and a deep presence in the social fabric. This normalising religious presence seems often to have been tolerated or accepted because it made a given moment more remarkable, adding a sense of sacredness. However, this presence frequently had a tone of artificiality as well, enabling us to detect the existence of real tension.

The places presented here were selected for their representativeness, whether geographic or thematic. Indeed, the main criteria were geography and typology. Some are among the best known and most visited; others are more minor in scope and renown. This itinerary presents a certain global vision that enables us to encounter phenomena with ancient marks of continuous worship.

Paulo Mendes Pinto
Author of the book *Festivals and Pilgrimages – Places of Faith*



Oblições do 1.º dia em First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 136
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Rua João Saraiva, 9
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slightly differences may occur in the final product.

Design: MAD Activities
Impressão / printing: Futuro, Lda.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / Issue
2020 / 05 / 28

Selos / stamps
4 x C0,53 – 4 x 100 000

Folha Miniatura / Miniature Sheet
Com 6 selos / with 6 stamps
C3,18 – 45 000

Design
Folk Design

Créditos / credits
Selos / stamps

Festas de Santo António.
Baile popular num dos bairros típicos de Lisboa;
foto/photo: Maurício Abreu/Fotobanco.pt.
Festas de São João Batista.
Festejos na zona da Ribeira, no Porto;
foto/photo: Cultura RM Exclusive/Alex Holland.
Festas de São Pedro.
Tradicional procissão marítima, no Montijo;
foto/photo: Maurício Abreu/Fotobanco.pt.
Festa dos Tabuleiros / Festa do Espírito Santo.
Desfile na Praça da República, em Tomar;
foto/photo: Beatriz Antunes/Município de Tomar.

Folha miniatura / miniature sheet
Peregrinação a Nossa Senhora de Fátima.
Procissão em honra de Nossa Senhora de Fátima;
foto/photo: Arquivo do Santuário de Fátima.
Senhora do Almortão.
Imagem da Senhora do Almortão em dia de romaria,
Idanha-a-Nova; foto/photo: Paulo Mendes Pinto.
Festas de Nossa Senhora dos Remédios.
Imagem noturna da celebração desta romaria,
em Lamego; foto/photo: João Oliveira.
Mãe Soberana / Senhora da Piedade.
Imagem do andar da Mãe Soberana / Senhora
da Piedade em dia de romaria, em Loulé;
foto/photo: Paulo Mendes Pinto.
Círio e Romaria de Nossa Senhora do Cabo.
Em primeiro plano, a Imagem de Nossa Senhora do
Cabo; em segundo plano, o Santuário de Nossa Senhora
do Cabo Espichel, Sesimbra; foto/photo: Rui Rodrigues/
Câmara Municipal de Sesimbra.
Festas da Senhora da Anjonia.
Gigantones e Cabeçudos na Praça da República,
em Viana do Castelo; foto/photo: Maurício Abreu/
Fotobanco.pt.

Tradução / translation
Kennis Translations

Agradecimentos / acknowledgements
Paulo Mendes Pinto
Município de Tomar
João Oliveira / Município de Lamego
Rui Rodrigues / Câmara Municipal de Sesimbra

Papel / paper - FSC 110 g/m2
Formato / size
Selos / stamps: 40 x 30,6 mm
Folha miniatura / miniature sheet: 95 x 125 mm
Picotagem / perforation
12^{1/2} x 12 e Cruz de Cristo / and Cross of Christ
Impressão / printing - offset
Impressor / printer - bpost Philately & Stamps Printing
Folhas / sheets - Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C5 - €0,75
C6 - €0,56

Pagela / brochure
€0,85



FESTAS
E ROMARIAS



FESTAS E ROMARIAS - LUGARES DE FÉ O SENTIDO DE SEGUIR E DE PARTICIPAR NO SAGRADO

O que é a essência da Religião? O que é o «religioso»? Muito se tem escrito e debatido sobre estas questões. O lugar, a manifestação, o sagrado identificado num momento e num tempo, o ritual e a participação nesse sagrado – tudo nos complementa uma definição que é sempre incapaz de reter em si a totalidade da definição.

Desde tempos imemoriais que em todas as religiões se peregrina, se buscam lugares sagrados e se consolidam caminhos nas tradições, nos gestos e nos imaginários. Muitos dos lugares mais fortes de memória e de simbolismo religioso têm na viagem o seu momento quase genésico. Em quase todas as religiões, o calendário é marcado pelo ritmo da visita aos santuários. Nas tradições cristãs, há registo de peregrinações à Terra Santa a partir do século II. Os crentes queriam visitar os espaços da vida e do martírio de Jesus e dos seus mais diretos discípulos. De resto, seja pela ida às origens, a Jerusalém e a outros lugares da vida de Cristo, seja pela visita à cabeça da Igreja, a Roma, seja, ainda, pela visita a um sem número de santuários, locais ou regionais, o Cristianismo será uma religião da viagem e do caminho.

O Cristianismo nascente irá também nesta região viver desde muito cedo este sentido da peregrinação, talvez herdado desse passado não muito distante. No século IV, Egéria escreveu uma descrição da sua viagem à Terra Santa entre 381 e 384 (as datas aceites mais comumente), que lhe outorga a consideração de primeira escritora hispânica em língua latina. Atravessou o Sul da Gália e o Norte da Itália; cruzou de barco o mar Adriático. Chegou a Constantinopla em 381, e daí partiu para Jerusalém, visitando Jericó, Nazareth e Cafarnaum. Partiu de Jerusalém para o Egito em 382, visitou Alexandria, Tebas, o mar Vermelho e o Sinai. Visitou logo Antioquia, Edessa, Mesopotâmia, o rio Eufrates e Síria desde onde regressou via Constantinopla. Não há registo da data, o lugar e as circunstâncias da sua morte.

A presença islâmica, o estar virado para Oriente, rezar e ir nessa direção, irá consolidar esta ideia fundamental

ainda hoje presente na linguagem: o verbo «orientar», que significa, em sentido estrito, colocar um mapa de acordo com os pontos cardeais mas que, significa ainda, descobrir um caminho, organizar, tem como raiz «virar para Oriente», exatamente no sentido oposto à forma como mentalmente se concebia o próprio espaço onde se vivia, o Ocidente, o Algarve, na raiz árabe.

Numa tradição de milhares de anos, seria longa e inesgotável uma lista dos lugares de romaria e festa cíclica em Portugal. O Cristianismo, como bem nota, num tom de dura crítica, Martinho de Dume no seu *De Correctione Rusticorum (Da Correção dos Rústicos)*, século VI), integrou uma parte muito significativa dos cultos politeístas anteriores, sejam os que mais perduraram no tempo, os lugares altos, muitos com culto desde a Idade do Bronze, sejam as festas em honra de rios, de nascentes e de bosques.

Esta herança deu a Portugal um colorido ímpar e uma riqueza de tradições que percorre o país de norte a sul, do interior ao litoral num sem número de matizes entre o passado pagão e uma cristianização quase sempre superficial mediante uma fraca mudança de roupagem ou de nomenclatura.

Em todos os casos, a presença cristã faz-se nos momentos solenes, de oficialidade e com muita presença no tecido social. Muitas vezes essa presença religiosa normatizadora parece ser tolerada ou aceite porque valorizadora do momento; acrescenta sacralidade. Mas quantas vezes essa presença tem um tom de artificialidade que nos faz perceber a tensão existente. Os lugares aqui apresentados procuram uma certa representatividade, seja geográfica, seja temática. Este foi o principal critério: a geografia e a tipologia. Algumas são das mais conhecidas e vivenciadas, outras são mais pequenas. Neste roteiro está uma certa visão global que nos permite chegar, tantas vezes, a fenómenos com marcas antiquíssimas de continuidade de culto.

Paulo Mendes Pinto
Autor do livro *Festas e Romarias - Lugares de Fé*

